

Visualidades

CUBOESIA: A VOZ POÉTICA DO METAL

Cuboesia: the poetic voice of metal

Cuboesia: la voz poetica del metal



Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna¹
João Antonio Valle Diniz²

Resumo: Este ensaio verbo-visual é um vislumbre da obra *Cuboesia* (2019) dos arquitetos João e Bel Diniz. A obra reúne arquitetura, escultura, som e poesia em uma *land art* com fluxos que convidam a entrar na poesia. Um cubo que emoldura a luz, as sombras e as montanhas das Minas Gerais. Em seu interior, a paisagem sonora amplia a experiência multissensorial. Feito de metal proveniente da mineração e da siderurgia, *Cuboesia* denuncia o descaso e a demagogia ambiental nessa composição metálica e sonora.

Palavras-chave: *Cuboesia*; paisagem sonora; *land-art*; mineração; Minas Gerais.

Abstract: This verbal-visual essay is a glimpse of the artwork *Cuboesia* (2019) by architects João and Bel Diniz. The work brings together architecture, sculpture, sound and poetry in a land art with flows that invite you to enter into poetry. A cube that frames the light and the mountains of Minas Gerais. The soundscape inside expands the multisensory experience. Made of metal from mining and steelmaking, *Cuboesia* denounces the neglect and environmental demagoguery in this metallic and sound composition.

Keywords: *Cuboesia*; soundscape; land-art; mining; Minas Gerais.

Resumen: Este ensayo verbal-visual es un vistazo a la obra *Cuboesia* (2019) de los arquitectos João y Bel Diniz. La obra reúne arquitectura, escultura, sonido y poesía en un land art que invita a adentrarse en la poesía. Un cubo que enmarca la luz, las sombras y las montañas de Minas Gerais. En el interior, el paisaje sonoro amplía la experiencia multisensorial. Realizada en metal de la minería y la siderurgia, *Cuboesia* denuncia el abandono y la demagogia medioambiental en esta composición metálica y sonora.

Palabras-clave: *Cuboesia*; paisaje sonoro; land-art; minería; Minas Gerais.

¹ Doutora em Comunicação; Professora associada do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil. grazielavmv@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-8742-5559>

² Mestre em Engenharia Civil; Professor Adjunto do Curso de Arquitetura da Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG, Brasil. jdinizarq@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-1820-3493>

1 Poesia cúbica: no meio do caminho tinha poesia

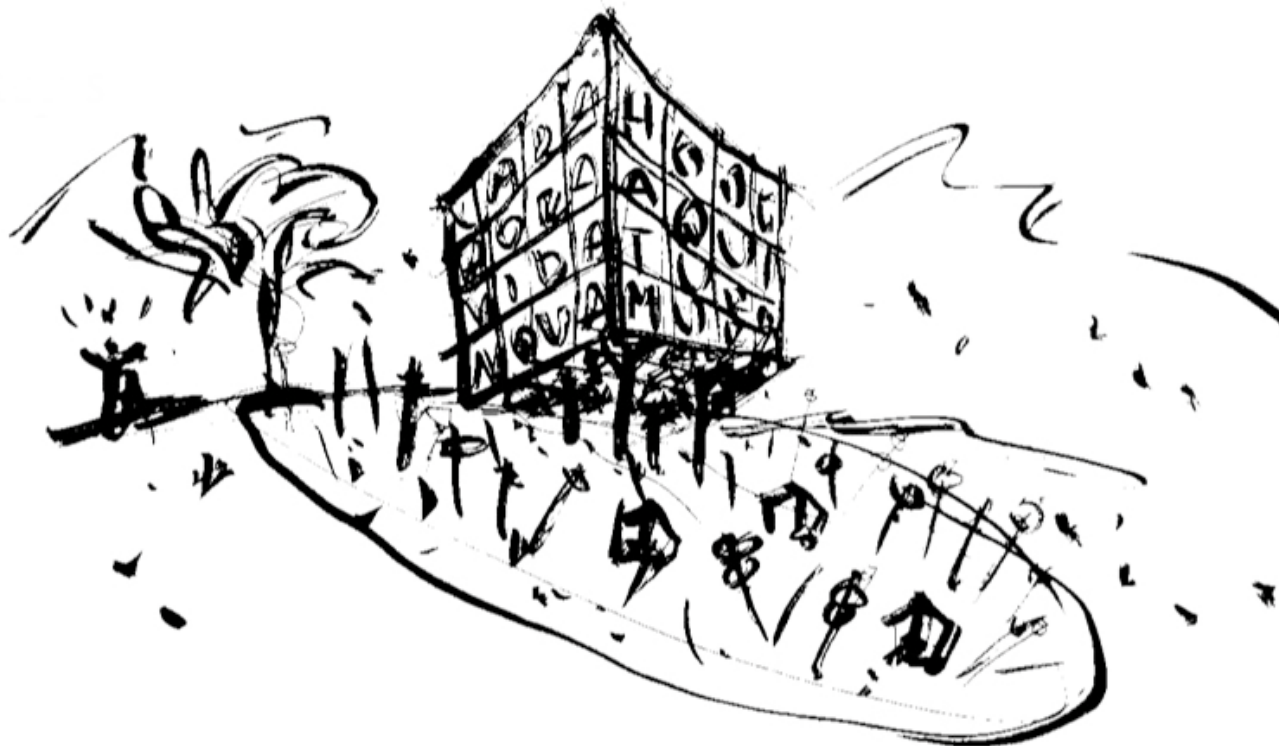


Figura 1: Esboço da obra
Fonte: Bel Diniz e João Diniz
Imagem cedida aos autores

Os primeiros “cubos poéticos” foram criados pelos artistas-arquitetos João e Bel Diniz a partir de 2015 e, desde então, têm sido exibidos em galerias de arte e espaços voltados à apresentação de design autoral. A obra Cuboesia faz parte dessa série de trabalhos artísticos anteriores dos arquitetos intitulada Poesia Cúbica. Tais objetos também passaram a ser mostrados em websites especializados com curadorias voltadas ao lançamento e aquisição de peças de design fornecidas pelos artistas³.

Em 2019, o escritório JDArq foi convidado a assinar um dos ambientes da mostra CasaCor MG. A localização do evento na edição daquele ano foi o Palácio Mangabeiras: um pequeno parque urbano com construção e bosques circundante em área de 44.000 metros quadrados, originalmente destinado a ser moradia do governador do Estado e pouco conhecido pela população. O espaço passou, naquele ano, a ser destinado à realização de eventos públicos. O ambiente tem jardins projetados por Burle Marx e situa-se em uma área de grande potencial ambiental junto à Serra do Curral, no flanco sul de Belo Horizonte.

Nesse ambiente de natureza exuberante (Fig.2), emoldurado pela Serra do Curral, foi instalada a obra Cuboesia e o projeto Jardim de Aço, um pavilhão híbrido explorando aspectos multisensoriais através da interação dos usuários com a paisagem sonora e o espaço criados para a obra e o ambiente natural do entorno.

³ Estas peças estiveram em exposições tais como Teia na Galeria Corda, Híbrido na Dominox, Trama na Asa de Papel e na exposição em parceria com Jorge dos Anjos na Galeria Carminha Macedo, em Belo Horizonte. A série completa incluindo variações de dimensões está disponível em < www.boobam.com.br



Figura 2
Fonte: Bel Diniz
Imagem cedida aos autores

A peça foi criada para um espaço ao longo de um caminho de pedestres já existente (Fig.3). O caminho é interrompido assim não por uma pedra, como na poesia de Drummond, mas pela própria poesia em cubo: as pessoas literalmente “entram na poesia” das faces metálicas da obra e da paisagem sonora criada para Cuboesia.



Figura 3
Fonte: Bel Diniz e João Diniz
Imagem cedida aos autores

A experimentação da obra se dá através da aproximação e observação externa de suas faces e textos, da entrada através da passarela de acesso ao interior onde se observa a paisagem através das letras vazadas e se escuta a paisagem sonora. A visão da paisagem externa através das palavras vazadas (Fig.4), desde o interior, em sua imagem espelhada induz o visitante, num raciocínio mental e ótico, a imaginar sentidos possíveis dos textos.



Figura 4
Fonte: Bel Diniz
Imagem cedida aos autores

2 Paisagem e texto (re) construídos

Seis estrofes. Quatro versos. Quatro metros. Palavras de quatro letras vazadas (Fig.5) no metal. Pelo enquadramento desta composição poética, as/os visitantes percebem a luz, as sombras, o jardim, a paisagem montanhosa do entorno e as projeções noturnas das letras sobre o gramado.



Figura 5
Fonte: Bel Diniz
Imagem cedida aos autores

No Jardim de Aço, a poesia transborda do cubo e se entorna no chão. As sombras das letras se misturam às letras soltas no gramado (Fig.6). Um convite às pessoas que por ali passam a montarem suas palavras, em uma atitude interativa.

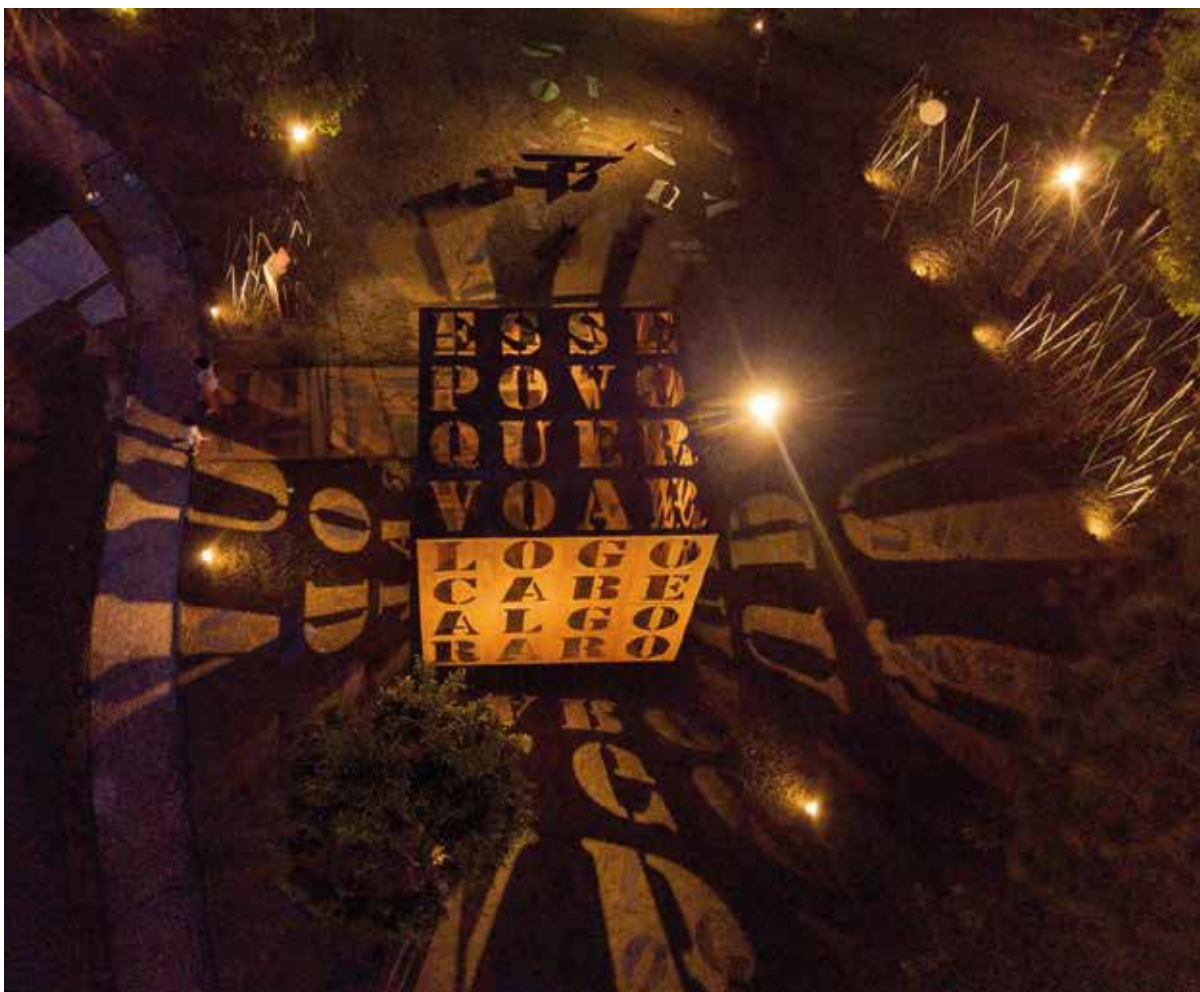


Figura 6
Fonte: Marcílio Gazzinelli
Imagem cedida aos autores

O gesto de se utilizar as letras provenientes dos recortes das faces do cubo (Fig.7), como se fossem plantas espontâneas do jardim, sugere uma atitude de design ecológico, que procura reduzir os resíduos gerados. As letras recortadas, a sobra, tornam-se também obra.



Figura 7
Fonte: Marcílio Gazzinelli
Imagem cedida aos autores

Para as crianças, a interatividade da obra se transforma em ferramenta pedagógica. Estudantes do ensino fundamental de Belo Horizonte com idade em torno de seis anos escreveram seus próprios poemas e, em seguida, montaram figuras poliédricas (Fig.8). Assim, a experiência de geometria e poesia foi vivenciada pelas crianças em uma atitude autoral.



Figura 8
Fonte: Bel Diniz
Imagem cedida aos autores

Futuramente, a atividade pode ser acompanhada de uma discussão sobre poesia, matemática, geometria, sólidos platônicos e outros assuntos afins⁴, adaptadas às disciplinas lecionadas e à faixa etária das/dos estudantes que visitam a obra.

3 Fabricando sentidos: a paisagem sonora de Cuboesia

A ideia de paisagem textual pode ser interpretada como um dispositivo comunicacional que enquadra sentidos. Entendemos os dispositivos não como tecnologias, mas sim como aparatos que mobilizam técnicas em torno de uma ação comunicativa. Os dispositivos conformam e ajudam a sustentar a proposição de um sentido. Mas é apenas uma sugestão, pois o leitor do texto vai estabelecer a relação e ativar referências e outras relações, inclusive mobilizando outros textos, textualidades e paisagens. Os elementos constituintes da paisagem são assim definidos, organizados e enquadrados de forma a constituir sentidos múltiplos.

A/o leitor/ouvinte mobiliza sua consciência, experiência, estética e moral ao observá-la. Em outras palavras, a paisagem atua como matriz ao propor enquadramentos, interpretações e a sugestão de sentidos ao leitor/ouvinte. Os efeitos de sentido surgem então a partir da articulação das textualidades da paisagem com o seu repertório, chamado por Malraux (2011) de “museu imaginário”, em práticas de leitura/escuta dos seus relevos sonoros e textuais.

Assim, a/o ouvinte da paisagem sonora (Fig.9) criada para *Cuboesia* observa a paisagem ao redor enquadrada pelos textos poéticos do cubo de metal.

⁴ A escola Balão Vermelho (Belo Horizonte), vizinha de onde está instalado o cubo visitou o local em 2019 e aderiu à essa atividade pedagógica, exibindo os resultados na exposição anual de artes.



Figura 9
QRcode com a paisagem sonora
criada para a obra

Metal esse extraído das montanhas pelas empresas mineradoras que atuam na região. A paisagem sonora de Cuboesia convida a/o visitante a observar a paisagem ao redor demoradamente, conduzida(o) pelo texto sonoro. Uma paisagem externa que reúne os jardins de Burle Marx, o Cerrado e as serras ao redor, observada de dentro de um cubo, enquadrada pelos textos poéticos desse cubo imenso. O cubo é poético, mas feito de metal. Material que faz parte dessa natureza exuberante, mas cuja extração destrói essa exuberância.

No interior do Cuboesia, a paisagem sonora é constituída pelas vozes dos artistas/arquitetos, repetindo textos das fachadas do cubo e por sons eletrônicos que reforçam a cadência da performance da voz. A paisagem sonora da obra soa continuamente no espaço num loop de 20 minutos⁵. Com o seu andamento, cria para o ouvinte tempos desacelerados para visitar a obra, com uma pulsação que procura acalmar a dinâmica apressada de quem visitava uma feira com 52 ambientes.

Se as artes visuais são artes que existem em determinado espaço e as artes sonoras são uma arte do tempo, que existem em uma duração determinada, Cuboesia altera, portanto, o

⁵ A célula musical básica dessa trilha, com 2'24", composta e executada por Joao Diniz, com as vozes do artista/arquiteto e de Bel Diniz, pode ser ouvida no QRcode reproduzido neste ensaio ou no link <https://soundcloud.com/pterodata/cuboesia> Neste sitio virtual do SoundCloud estão também as outras experimentações do arquiteto com paisagens sonoras e colaborações musicais com instrumentistas. Acesso em 26/02/2022

tempo e o espaço das/dos visitantes da CasaCor, ao inserir a poesia no espaço do jardim e ao desacelerar o tempo de quem a visita por meio da paisagem sonora.

Como se repete na paisagem sonora, “hoje aqui tudo muda” (Fig.10) com as atividades de mineração nas minas gerais. Embora os textos não abordem diretamente os recentes rompimentos das barragens de Mariana e do Córrego do Feijão, é inevitável pensar nos dois acontecimentos recentes ao entrar/escutar (n)a poesia feita de som e metal.



Figura 10
 Fonte: Bel Diniz e João Diniz
 Imagem cedida aos autores

Por trás da montanha que emoldura um belo horizonte, o buraco na serra, o mar implacável de lama que carrega centenas de pessoas, animais e árvores do Cerrado com a sua força destruidora. “Esse povo quer voar” e não ser soterrado pela lama. No cubo metálico e na paisagem sonora de *Cuboésia*, “cabe algo raro”: o metal que constitui essa montanha é explorado de maneira poética e não essencialmente destruidora, ao se re-aproveitar as sobras como obras. Cria-se assim uma potente “vida nova” a cada hora.

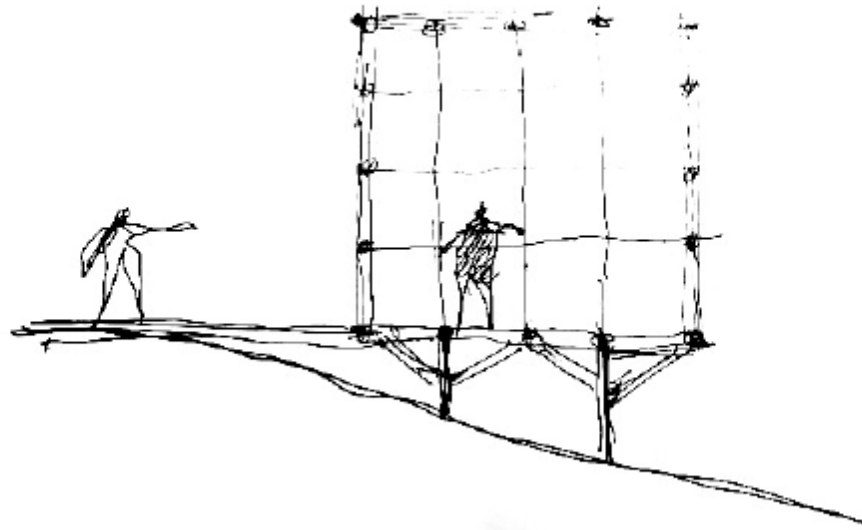


Figura 11: Desenho da obra pelos arquitetos
Fonte: Bel Diniz e João Diniz
Imagem cedida aos autores

Ficha técnica da obra Cuboesia (informada pelos artistas-arquitetos):

Concepção e projeto: João Diniz e Bel Diniz

Texto do cubo: João Diniz

Trilha sonora: Pterodata

Aços: ArcelorMittal

Accero: fabricação e montagem do cubo

Referência

MALRAUX, André (2011). O Museu Imaginário. Lisboa: Edições 70